

# LÁ VAI VERSO: A LAVAGEM DO BONFIM N'O ALABAMA (1863-1871)

Seleção, apresentação e comentários de  
Mariângela de Mattos Nogueira



**LA VAE VERSO.**



**LA VAI VERSO: A LAVAGEM DO BONFIM  
N'O ALABAMA (1863-1871)**



# **LA VAI VERSO: A LAVAGEM DO BONFIM N'O ALABAMA (1863-1871)**

Seleção, apresentação e comentários de  
Mariângela de Mattos Nogueira

PRELO DE MADEIRA  
2021



Para Lula, Manú, Mae e Mielo





## ÍNDICE

Apresentação e comentários .....	9
Poema 1 .....	56
Poema 2 .....	61
Poema 3 .....	67
Poema 4 .....	72
Poema 5 .....	76
Poema 6 .....	82
Notas .....	86
Glossário .....	93
Agradecimentos .....	95



## APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIOS

### I

O primeiro contato que tive com o jornal *O Alabama* foi na segunda edição, revista e ampliada, de *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835 na Bahia*, de João José Reis e, em seguida, noutros textos de historiadores do candomblé, a exemplo de Nicolau Parés e Lisa Castilho. Mas foi somente alguns anos mais tarde, quando dirigia a Biblioteca Virtual Consuelo Pondé (BV), da Fundação Pedro Calmon, que pude apreciar, de fato, o jornal. O pesquisador Urano Andrade havia digitalizado a coleção, que está sob a guarda do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), e, mediante acordo de parceria com o IGHB, hoje está no acervo da BV.<sup>1</sup> Nos meses seguintes, passei algum tempo a me divertir com a leitura.

Foi só mais recentemente que os versos do jornal chamaram minha atenção. Porque é também recente meu interesse pela poesia. A oportunidade de me dedicar mais detidamente ao jornal apareceu com a Lei Aldir Blanc. Foi então que lembrei de uma provocação de João Reis para que eu pesquisasse o jornal e seu estilo literário. Voltei aos jornais e logo no número inicial me deparei com a coluna “La Vae Verso”, e seu primeiro poema.

Daí nascem essas notas para o estudo do jornal, que reúne seis poemas chistosos publicados na coluna “La Vae Verso” de *O Alabama*, que circulou entre 21 de dezembro de 1863 e 30 de dezembro de 1890 na Cidade da Bahia, como era então conhecida Salvador.<sup>2</sup>

## II

A coleção mais completa do jornal é justamente a que se encontra no IGHB, que vai de 21 de dezembro de 1863 até 30 de dezembro de 1871, com lacunas nos meses de abril de 1864 (n. 42 a 44 e 48 a 54), e os números referentes ao mês de junho de 1865. Em 25 de dezembro de 1871 os editores publicaram uma declaração de que, “sendo por demais crescido o número de assinantes remissos, e atrasados em seus pagamentos [...] não deve causar estranheza a todo aquele assinante remisso, que do número seguinte em diante deixar de receber”. Talvez não por acaso aí se encerre a coleção que foi doada ao IGHB.

A hemeroteca digital da Biblioteca Nacional tem no seu acervo doze números d’*O Alabama*. Cinco deles, dos anos 1866 a 1869, estão também no IGHB e na BV. Há mais sete números dos anos 1873, 1876, 1878, 1879 (dois números), 1881 e 1882. Em nenhum deles a coluna “La Vae Verso” volta a aparecer. Nosso trabalho se concentra então na coleção do IGHB digitalmente disponível na Biblioteca Virtual Consuelo Pondé.

O nome da coluna foi, provavelmente, inspirado no poema de Luiz Gama, que já dera nome a outra coluna no jornal fluminense *A Marmota*, editado por Paula Brito, entre os anos 1849 e 1861, e onde Machado de

Assis publicou seus primeiros escritos. O poema de Gama parece não só ter inspirado o nome, mas também o projeto político da coluna.

Em “La Vae Verso”, o poema,<sup>3</sup> está o projeto poético e político de Luiz Gama. É um poema em oitavas, rimando os segundos versos com os terceiros, e os sextos com os sétimos. Sentindo o “bestunto pejado”,<sup>4</sup> Gama resolveu tomar da pena e invocar as ninfas e a Musa da Guiné, se afirmar africano e eleger a África como fonte de inspiração e parte da nova nacionalidade brasileira. A lira do Orfeu grego foi, então, substituída pela marimba e pelo berimbau do “Orfeu de carapinha” – como o poeta se auto identificava –, instrumentos de percussão de origem angolana. E a musa helênica foi trocada pela Musa da Guiné. Diferente de outros escritores do período, que imprimiam raízes indígenas na nacionalidade brasileira, ele reafirmava sua origem africana: “sou um africano fidalgote”, e que sua musa era a mulher negra.

Gama reinventa o Orfeu, lendário músico e poeta, a quem era atribuído o poder de encantar pessoas e coisas inanimadas. Mas ele é um Orfeu africano e de uma longa estirpe, e com seus parentes, netos da rainha Ginga,

Pulando de prazer e de contentes —

Nas danças entrarei d’altas cayumbas

Numa carta autobiográfica ao amigo Lúcio de Mendonça,<sup>5</sup> ele contou o que sabemos de sua infância e juventude. Disse ter nascido em Salvador, filho de uma africana liberta de origem nagô e de um “fidalgo português”, e que nascera, portanto, livre. O pai, afundado em dívidas de jogo, o teria vendido como escravo para fora da Bahia quando ele tinha dez anos, em 1840.<sup>6</sup>

Luiz Gama viveu oito anos de escravidão até conseguir provas de que nascera livre, em 1848. Foi autodidata em leis, que certamente aprendeu na biblioteca da Faculdade de Direito em São Paulo, mas onde não pode matricular-se porque não era oficialmente alfabetizado, ou por preconceito racial.

Colocou sua identidade negra e africana no campo das disputas políticas do Segundo Império em torno da escravidão e da liberdade, lançando mão da sátira, ou burla, “como estilo e recurso literário para ridicularizar a hipocrisia de uma sociedade letrada, autoritária e escravocrata”, prometeu ir “cantando os altos feitos da gente luminosa [...] que reza a cartilha da esperteza”.<sup>7</sup> Na mesma carta a Mendonça, Gama escreveu que detestava o cativo e seus senhores.

Sua atividade jornalística é também permeada pela sátira. Criou o jornal *Diabo Coxo*, em 1864, com o ilustrador, desenhista, crítico, pintor e gravador Ângelo Agostini, que caricaturava o dia a dia da vida social,

política e econômica, inclusive a política da escravidão, traduzindo os fatos, os erros públicos ou particulares para quem não sabia ler.<sup>8</sup>

Esse ódio à escravidão e seus senhores, que Gama afirmou sentir, parece combinar com o que o filólogo Amós Coêlho da Silva diz sobre o elemento primordial da sátira, que segundo ele está na *Satura lanx*, oferenda à deusa Ceres por gratidão pela satisfação ou por estar “saturado”.<sup>9</sup> Teria saturado, nesse caso, o duplo sentido de satisfeito e de farto, muito aborrecido? Mais provável que a característica de crítica social da sátira esteja ligada ao faltar-se de injustiças. No caso de Luís Gama, pejar-se da escravidão.



## III

Até 1808, a impressão era proibida no Brasil, então colônia de Portugal. Foi somente após a chegada da corte portuguesa, escapando das guerras napoleônicas, que o Alvará de 10 de abril de 1808 concedeu liberdade para instalação de “toda e qualquer indústria no Brasil, incluindo aí a manufatura de impressos”.<sup>10</sup> Na Bahia, foi Alexandre José Vieira de Lemos quem teve a primeira autorização para fazer funcionar uma tipografia.<sup>11</sup> Mas, não há indícios do funcionamento dela, cabendo então a Manuel Antônio da Silva Serva o pioneirismo na instalação de uma impressora na Cidade da Bahia. Marcello de Ipanema reuniu farta documentação da correspondência deste empresário com as autoridades da corte, desde o requerimento para fazer funcionar o empreendimento, pedidos de apoio para sua manutenção e até autorização para cortes de Pau-Brasil, de cujo recurso dependia para sustentar a tipografia.<sup>12</sup>

Foi Serva quem publicou a que talvez tenha sido a primeira revista no Brasil, *As Variedades*, ou *Ensaios de Literatura*. De sua tipografia também saiu o *Semanário Cívico*, redigido por Joaquim José da Silva Maia, alinhado à política do general português Madeira de Melo, que comandou as tropas portuguesas na Guerra da Independência. Durou pouco mais de dois anos e 119 números. Nem podia ser diferente. De seu prelo saíram várias outras publicações.

É graças ao trabalho de Alfredo de Carvalho em *Anais da Imprensa Baiana* que temos a relação dos jornais publicados na Bahia entre 1811 e 1911.<sup>13</sup> Jorge Calmon dá notícia de uma lista preparada por Lizir Arcanjo com 289 jornais e periódicos do século XIX, 64 deles impressos no interior da Bahia. O professor Vivaldo da Costa Lima situa *O Alabama* “entre a quase centena de jornais publicados em Salvador na segunda metade do século dezenove – muitos dos quais de vida efêmera”.<sup>14</sup>

O primeiro número de *O Alabama* apareceu em 21 de dezembro de 1863 pela iniciativa de Aristides Ricardo de Santana, José Marques de Souza e Francisco Alves da Silva Igrapiuna, impresso na oficina de *O Interesse Público*, situada na rua do Maciel de Baixo, n. 42. Custava um mil réis por série de doze números, com pagamento adiantado, ou a folha avulsa a 120 réis. A tipografia era de propriedade de Domingos Guedes Cabral, recém-saído da cadeia por suposto crime de imprensa.<sup>15</sup>

Vigia, durante todos esses anos, o Código Criminal do Império (1830-1890), que no capítulo VIII, relativo ao “Uso indevido da imprensa”, tipificava a natureza dos crimes ali contemplados: deixar de declarar endereço da oficina de impressão de litografia ou gravura; deixar de declarar o nome do impressor ou gravador, local e ano de

impressão; falsidade das declarações de endereço, nomes e datas; atribuir o escrito ou estampa a impressor ou gravador, autor ou editor, que estivesse vivo; e, por fim, não remeter ao promotor um exemplar do escrito ou obra impressa, no dia de sua publicação e distribuição.<sup>16</sup>

As penas previstas para esses crimes eram multas que variavam de 12 a 200 réis. Ou até o dobro. Não teria sido, portanto, nada disso a levar Cabral a amargar quatro meses de cadeia. Talvez tenha sido um dos “crimes policiais”, que tratavam da ofensa à religião, moral e bons costumes. Entre eles os que previam pena de prisão compatível com a que Guedes sofreu estavam dispostos nos artigos 278: Imprimir e distribuir “doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma”; e 279, “ofender a moral pública em papéis impressos, litografados ou gravados, ou em estampas e pinturas que se distribuírem por mais de quinze pessoas, e bem assim a respeito destas que estejam expostas publicamente à venda”. O primeiro deles previa penas entre quatro meses e um ano; o segundo, entre dois e seis meses.<sup>17</sup>

Saindo da cadeia, Guedes começou a imprimir na sua tipografia *O Alabama*. Em 21 de dezembro de 1863, saiu o primeiro número do jornal, e dizendo ao que vinha:

O Alabama não é um ladrão; é inimigo acérrimo dos ladrões. Cosmopolita, não tem por tanto contemplação com nacionalidade alguma, nem com partidos políticos ou de qualquer natureza; onde houver ladrões, aí achar-se-á. Desesperado de seguir o sistema de Diógenes, por não ter encontrado um homem, atira a lanterna ao diabo, e fechando os olhos, o primeiro que conseguir agarrar tem de ser [chamado] às contas. Não há a escolher na cidade de Latronópolis. Preparem-se, pois, que o Alabama anda em viagem por terra. Infeliz de quem com ele se abalroar.

É curioso, ou satírico, que um jornal inimigo “acérrimo” da escravidão tenha sido batizado com o nome de um navio confederado e de um estado agrário e escravista dos Estados Unidos. E, provavelmente, era alusão a um navio confederado que teria feito soçobrar alguns barcos das forças da União na costa nordeste do Brasil, em batalhas da Guerra Civil americana.<sup>18</sup>

O primeiro número do jornal resume-se a editorial, expediente e à coluna “La Vae Verso”. O expediente, que está em todos os números do jornal, compõe-se de atos, anúncios, denúncias e decretos do capitão de *O Alabama* com conteúdo muito crítico. Já no terceiro, aparece a coluna “Anúncios”, para anunciar de tudo: venda de café, móveis, fuga de escravos, aulas particulares, cobrança de dívidas,

# ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

1.ª SERIE.

BAHIA 21 DE DEZEMBRO DE 1863

N.º 1.

Publica-se na typographia de *Interesse Publico* em 12 annos, pagos adiantados. Folhas 420 Es.

## ALABAMA

O Alabama não é um ladrão; he inimigo acerrimo dos ladrões!

Cosmopolita, não tem por tanto contemplação com nacionalidade alguma, nem com partidos politicos ou de qualquer natureza; onde houver ladrões, shi achar-se-ha.

Desesperado de seguir o systema de Diogenes, por não ter encontrado um homem, alira a lanterna ao diabo, e fechando os olhos, o primeiro que conseguiu agarrar tem de ser chamado á conta. Não ha a esculher na cidade de Latranopolis.

Preparam se pois, que o Alabama auda em viagem por terra.

Infeliz de quem com elle se a-haltrar!

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latranopolis, herdo do Alabama 16 de dezembro de 1863.

Ato. — O capitão do Alabama, attendendo ao que lhe representaram diversos esous, tem por conveniente nomear o guarda-marinha-pedestre Guilherme, ara incumbirse do recrutamento activo forçado a que tem de proceder-se no numero desta cidade, afim de purgar a da praga funesta dos ladrões que presentemente o delibha.

Ordens por tanto que neste sentido se especim as necessarias communicacoes, (Tiveram sciencia todas as autoridades subalternas)

Officio ao commandante da policia — Sendo Vm. me informado que shi foy expulso do corpo que Vm. commanda um alheios em responsabilidade, que podia eu aproveitar para recruta, agradeço a Vm. a attenção, bendo-lhe poria que me não serve o tal Proca, por falta de scripto que lhe agrade, visto que não precisa aqui ninguem de mercarios sem azas.

Portaria. — O guarda-marinha-pedestre Guilherme, logo que esta minha receber, dirija-se á venda no largo da Terceiro, que he de um refinado ladrão, e indague si he, ou não verdade o que a seu respeito me dizem.

Portaria-lhe si he lito tomar em penhor azas velhas, cadeiras, argolas, botões e o diabo—com juro excedente á quantia tomada, e assenhorar-se depois dos bens alheios e expol-os á venda na porta de sua posiga. O que cumpra.

— Va a venda do tenente Eley e pergunte-lhe si tem casa para negocio ou para ajuntamento de capalocios e vadios. O que cumpra.

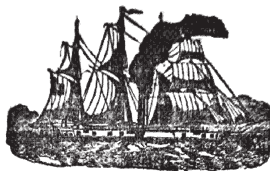
— O Sr. padre Amaro, que tanto tem desrecho, e que por ara tanto agrada, sem tocar nas seus amaveis collegos de soisina, logo que esta receber, dirija-se a um covil de ladrões que ha alli pelo Carmo, e emuido de um bon chicete, pergunte quem he o mior e depois de bem tingido e estegar-lhe a cara, faça declarar o que fizeram elles dos ornimentos e mais pertences de uma imagem de Nossa Senhora que tentava por direction. O que cumpra.

— Ao mestre do Fagador de Ser-

venda de partituras até anúncios pitorescos como este a seguir:

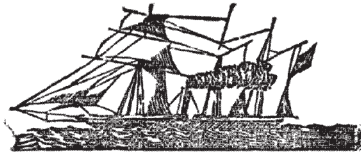
Dá-se 10:000\$ por um testamento falso, ou um frasco de veneno pela vida d'um tio a quem indicar um meio fácil de abreviar os dias d'um parente rico.

E várias outras vão surgindo ao longo das 89 séries e 884 números nos 157 meses da coleção do IGHB.

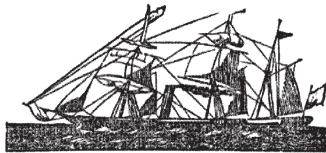


Já a partir do número 13, de 21 de janeiro de 1864, inaugurando a 2ª série, *O Alabama* passa a exibir no seu cabeçalho o desenho de um navio, que viria a ser a marca do jornal. Marca que permanece até janeiro de 1870.<sup>19</sup> Alguns dos personagens que frequentemente aparecerem em suas páginas, como o capitão e o aspirante João de Deus, que conheceremos mais à frente, foram criados como tripulantes do jornal.<sup>20</sup>

O navio, marca do jornal, sofreu três alterações ao longo de sua história. Provavelmente devidas aos avanços do processo litográfico.



1 de maio de 1866



6 de fevereiro de 1867



2 de julho de 1868

Pouco mais de um mês depois, em 16 de fevereiro de 1864 (2ª série, n. 20), o jornal passa a ser impresso em tipografia própria – a *Typographia de Marques, Ricardo e C.* – localizada na Rua da Misericórdia, nº 17, registrada em 2 de junho de 1866, mas de fato funcionando desde a data acima citada. Mais uma a se juntar às mais de dez que funcionaram na cidade entre 1853 e 1876.<sup>21</sup>

Embora a segunda série tenha começado em 21 de janeiro de 1864, a partir do número 13, com a mudança de casa impressora há uma sensível melhora na qualidade da impressão e o jornal volta a afirmar seu projeto editorial:

Não sei que tem os criminosos com a polícia! Há um tal antagonismo entre estes dois entes!

Pois não pensavam os ladrões e os devassos que tinha naufragado o Alabama!

Até os frades do Carmo não bateram palmas, não deram vivas, não entoaram hosanas!

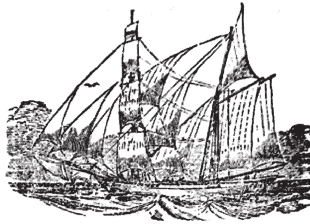
Estão, porém, enganados como se vê; o Alabama apenas fez uma viagem de maior curso, e n'ela colheu muita coisinha boa.

Deram-lhe, como notícia exata, o naufrágio do Mohican; não a garante.

O que é certo é que encontrou pranchas e mastros perdidos, *ecartés ça et là*,<sup>22</sup> elegante frase do sublime autor das Aventuras do Telêmaco.



O Alabama voltou a seu posto; de morrões acesos, de caldeiras em ebulição, está disposto ao combate; nenhuma avaria sofreu; sua tripulação acha-se no mesmo ou em melhor pé. E se duvidarem, que experimentem.



**LA VAE VERSO.**

10 de novembro de 1864

Ou seja, preparem-se, porque lá vai bala, ou lá vai verso. E os editores compartilham com Luiz Gama o ódio à escravidão e seus senhores. É o que aparece logo no poema publicado na primeira edição, é quase um editorial em versos, sem título e sem assinatura:

Havia n'uma cidade  
De ladrões grossa fornalha  
Ingleses, francos, brasílios  
de lusos toda a canalha.

Tráfico humano fizeram,  
Moeda falsa importaram,  
Contrabando em larga escala,  
E mil roubos praticaram

Logo nas duas primeiras estrofes, o redator declara a quem vai mandar... versos: os ricos que, era voz pública na cidade, haviam prosperado com o tráfico de escravos, a circulação de moedas falsas, contrabando e outros crimes, e alcançado posições de prestígio na sociedade e na política da Província da Bahia. Embora o tráfico de escravos tivesse sido proibido desde 1831, foi somente com a Lei Eusébio de Queirós, promulgada em 4 de setembro de 1850, que foi de fato suspenso. Mesmo assim, o infame comércio continuou na ilegalidade por mais algum tempo, muitas vezes envolvendo representantes das elites locais. As mesmas elites que enriqueceram com a falsificação de moeda de cobre que assolou a Bahia desde que, no processo da Independência, o governo provisório de Cachoeira cunhou e lançou no mercado grande quantidade dela, para ser depois retirada de circulação, o que não aconteceu.<sup>23</sup> E eram, mais uma vez, os comerciantes e as pessoas influentes que lucravam com a falsificação.

Foram uns barões somente;  
Um é duque, outro é marquês;  
Tem este comenda ao peito  
Como um outro que já fez.

Ora aquele é proprietário,  
Aquele outro é já banqueiro,  
Roubam todos, e são grandes  
Q' quem rouba tem dinheiro.

O negreiro, o vil falsário  
Tem comenda, se é barão!  
Faminto pobre às galés  
La vae, por furtar um pão!

Santo tempo em que na cruz  
Se pendurava o ladrão!  
Não era quem mais roubava  
O primeiro a ser barão!

Um bom exemplo de representante da nobreza imperial envolvido nas acusações feitas nesses versos é o conde Pereira Marinho, português que chegou à Bahia na juventude e aqui amealhou grande fortuna e prestígio. Dele, se diz ter estado envolvido com o tráfico, numa articulação internacional que envolvia importantes comerciantes angolanos, hispano-

-cubanos e norte-americanos. Também foi acusado em processo judicial de envolvimento com a falsificação de dinheiro. E mais, teria sido um usurário e defraudador dos bens de órfãos e viúvas.<sup>24</sup>

Formava, porém, tal gente  
O comércio da cidade.  
Infeliz daquele povo!  
Triste dessa humanidade!

Como viver poderia  
Assim a gente a sofrer?  
Sem ter quem dela cuidasse,  
Sem quem lhe fosse valer?

Esta foi a visão que o capitão d' *O Alabama* teve da cidade, e resolveu dela cuidar e valer.

Vendo isto o Alabama  
Para tal porto arribou,  
E de dar cabo da súcia  
Pelos seus deuses jurou,

Ei-lo pois, no posto firme,  
A pique tudo a meter;  
Quem for ladrão cubra as costas  
Q' Alabama há de vencer.

As primeiras dez quadras em redondilha maior, e que atacam sem dar nomes aos falsários, ladrões e traficantes, são seguidas por dez quadras em redondilha menor. Nelas, segue atacando pessoas da sociedade baiana, sempre de modo jocoso, misturando expressões de uso popular, como Mané (apócope de manema, que em tupi quer dizer farinha grossa, portanto de qualidade pior que a fina, vindo a dar na expressão pejorativa para pessoa pouco capaz)<sup>25</sup> com personagem da literatura francesa: “Faublas portentoso”, numa referência ao personagem do romance de Jean-Baptiste Louvet du Couvray, *As aventuras do Cavaleiro de Faublas*, que circulou no Brasil desde o início do século XIX como literatura licenciosa, ou pornográfica, e trata de um conquistador libertino que usava inclusive o expediente de disfarces, por vezes de mulher, para fazer suas conquistas amorosas.<sup>26</sup> O herói garboso e licencioso desses versos tem nome, é um tal Theodorinho, “que aqui e ali, às moças faz mal”. Outros são igualmente nomeados: Justiniano, “de banda e crachá”, provavelmente um militar, já que banda tem a acepção de cinta de oficiais do exército e crachá a de emblema de corporação militar usado no quepe. Este parece que além de militar é representante do povo na assembleia, onde se mantém mudo, só “os cobres comendo”. No meio da súcia tem ainda o engenheiro Alguidar, montado a cavalo, sem muito mais a ser dito, talvez porque para os contemporâneos não fosse necessário dizer mais.

A última estrofe, em redondilha menor, reafirma que todos eles, e não só a elite não nomeada dos primeiros versos, são seus alvos:

Que bela súcia  
Que a barca tem!  
Manobra, Alabama  
Com eles também.

Finalizam o poema três quadras em redondilha maior. Nelas, aparece um diálogo entre um acusador e o senhor Freio, tesoureiro da igreja do Bonfim. Este tem voz no poema e responde à provocação:

— Cala-te, ímpio, qu'ê desejo  
De bem servir ao Senhor.  
Se apanhasses a moxiba,  
Não foras tão falador.

Pode haver aqui mais de um sentido para a palavra “moxiba”, que não encontrei no *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Moraes. Mas achei moxinga e muchinga, ambos significando sova, surra; e no *Diccionario da Língua Portuguesa* de Cândido Figueirêdo muxiba aparece como carne magra, pelancas, sugerindo talvez que se lhe

fossem dados ao menos restos, ou até mesmo uma surra de pelancas, não seria tão falador.<sup>27</sup>

Na tréplica do acusador, na estrofe final (“Tem razão; ganha importância, quem hoj’anda com dinheiro, sempre é melhor que boi mongo, ou cabeça de carneiro”), as expressões boi mongo e cabeça de carneiro podem ser referências ao clero, mongo que Houaiss dá como cruzamento de mono (símio) e monge; e cabeça de carneiro, que é o que um cônjuge paga ao padre pelo serviço de enterro do outro.<sup>28</sup> As críticas ao clero vão aparecer mais claramente à frente.

A coluna “La Vae Verso” durou seguramente até 1871, embora não tenha estado presente em todos os números, às vezes com espaço de meses de ausência. Foram ao todo 225 poemas publicados entre 1863 e 1871 na coluna. Os anos de 1864 e 1868 foram os mais prolíficos; 57 no primeiro e 55 no segundo. Nos dois últimos anos a coluna saiu apenas nove vezes em cada um deles.

## IV

Os poemas são, em grande parte, em redondilha maior e menor, por vezes combinadas com versos livres, quadrissílabos e octossílabos. As estrofes são, no mais das vezes, quadras com rimas soantes na forma abcb, ou seja, os segundos versos rimam com os últimos da estrofe. São sempre rimas externas, nos finais dos versos, na maioria rimas pobres, aquelas que acontecem entre palavras da mesma classe gramatical, mas não só. Há, no entanto, neste poema que inaugura a coluna, um exemplo de rima rica: na terceira estrofe, o substantivo marquês, ali grafado 'marquez', rima com o pretérito perfeito do verbo 'fazer' na terceira pessoa do singular, fez. No mesmo poema, uma outra rima, embora pobre, dá o tom chistoso ao rimar 'ladrão' com 'barão'.

Não é a qualidade poética o que mais chama a atenção nesses versos. São os temas tratados, quase sempre ferrenhas críticas às elites políticas, econômicas e religiosas. Embora versificados, e com atenção à métrica e às rimas, os textos se assemelham a crônicas, com observações críticas das situações narradas, atentas ao que o autor considera imoralidades cívicas e se aproximando diversas vezes do tom de uma reportagem, preso ao acontecimento.

Essa característica de crônica aparece claramente nos versos dedicados às festas populares. Neles o que se lê é uma descrição



detalhada do que acontece na festa e das pessoas que dela participam, carregada de crítica aos costumes e às pessoas, quase sempre de modo caricato. O que lhes confere a característica de crônica satírica em versos. É bastante comum que as sátiras misturem estilos literários. E embora seja principalmente um artifício de apontar os erros dos poderosos, ela se estende também à gente comum, ao cotidiano, quase sempre de modo jocoso, ou chistoso.

A festa popular é espaço privilegiado para uma crítica de costumes. A mistura e o ajuntamento de povo proporcionam outro foco; a elite não é o centro da atenção, embora apareça aqui e ali, são os tipos mais populares que ocupam o centro da cena. Vamos ver isso nos poemas dedicados à Festa do Senhor do Bonfim.

A Festa do Bonfim é uma celebração tradicional em Salvador, e acontece em janeiro desde meados do século XVIII, pelo menos. Há uma parte religiosa, que inclui as novenas e as missas, e um grande festejo de rua na quinta-feira que antecede o dia propriamente da festa, é o dia da lavagem do adro da igreja. Faz parte de um ciclo de festas do Bonfim, que celebram São Gonçalo, Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora da Guia, esta, no domingo. A chamada Lavagem do Bonfim, como veremos nos versos de *O Alabama*, é, e era já no século XIX, uma festa totalmente profana e muito popular.

O caráter popular dos festejos religiosos não era novidade. Nas festas das irmandades religiosas, na primeira metade do século XIX, havia tanto uma carnavalização branca como negra da religião. As danças profanas nos festejos religiosos eram já tradição em Portugal, de onde vieram junto com a Reforma católica.<sup>29</sup> Quando os naturalistas alemães John von Spix e Carl von Martius, em sua viagem de pesquisa ao Brasil entre os anos de 1817 e 1820, visitaram a Bahia, a Festa do Bonfim chamou sua atenção pela aglomeração, pelo vozerio e pela reunião de grande número de negros junto a pessoas de outras classes e raças, que davam à festa uma “feição estranha e excêntrica”.<sup>30</sup> Em janeiro de 1860, outro europeu que foi à festa, e registrou as impressões que teve, foi Maximiliano de Habsburgo. Em seu diário escreveu que a festa parecia uma feira, que para um católico soava como “blasfêmia”, descreveu os participantes, seus trajés, as comidas e as condições em que eram feitas e consumidas. Apesar da visão extremamente preconceituosa, não deixou de reconhecer que “emanava uma atmosfera alegre e festiva”.<sup>31</sup>

A coluna “La Vae Verso” dedica à Festa do Bonfim seis poemas. O poema publicado em janeiro de 1867 é uma “Carta do compadre da cidade ao compadre da roça”. No segundo, de fevereiro de 1867, o capitão de *O Alabama* chama seu aspirante, João de Deus, e lhe pede que conte a lavagem. Em 16 de janeiro de 1868 foi publicado um poema com

o título “Festa do Senhor do Bonfim”. Em 25 de janeiro de 1868, saiu a quarta poesia dessa seleção que é a “Carta do Capitão do ‘Alabama’ a seu correspondente na corte, o Patusco”. E a última é uma poesia sem título, e sem autor, o que é comum a todas as outras.

Nenhuma delas é assinada, mas aparecem em quatro delas um eu lírico: o compadre da cidade, o capitão do *Alabama*, e o aspirante João de Deus é personagem-narrador de duas. Esses personagens líricos aparecem em outros versos. Os compadres da roça e da cidade trocaram farta correspondência nos anos de 1865 e 1866, tratando de variados assuntos e variando também no tamanho das estrofes. Algumas dessas “correspondências” estão em sextilhas, mas a maioria é em quadras. Embora os tratemos aqui como poemas independentes, essas “cartas” são de fato um longuíssimo poema publicado em dias diferentes e tratando de assuntos diversos. Mas dando conta no início e no fim que é e tem continuidade.

O capitão começou a escrever a seu patusco correspondente em dezembro de 1867, e continuou em 1868 e 1869. Os assuntos também variam nessa correspondência. O aspirante João de Deus aparece em três poemas, em dois deles é o eu lírico. Conhecemos a identidade do aspirante no poema de janeiro de 1867 em que o compadre da cidade diz ao da roça:

Quem fecha o rancho? aposto  
Não sabe como se chama;  
É o nosso João de Deus,  
Aspirante do Alabama.

Pouco mais de 15 dias depois ele, o aspirante, é chamado pelo capitão para contar a festa. É o que faz em 7 de fevereiro no poema de 44 estrofes, em redondilha maior, com rimas soantes abcb. É nesse poema que a festa aparece descrita com mais detalhes, por isso resolvemos tomá-lo como guia para comentar o conjunto dos seis poemas sobre a Lavagem do Bonfim.

Nele, o capitão pede a João de Deus que lhe conte a festa, e o aspirante vai contando da hora que largou o serviço, na quarta-feira, que correu para o Cais Dourado e pegou uma carruagem de caminho de ferro. Lá no Bonfim foi à casa de Constança, onde comeu caruru, e passou a noite num samba com quatro moças e Quiabo Duro. Amanhecendo, “entripou” um mocotó e foi então pro adro, de onde ele descreve que viu chegar “muito rapaz, muita moça [...] mais gente de saia”, uma súcia de crioulas, vestidas de “saia de yaya do ouro, laço branco de filó”, ou “com a saia arregaçada, [...] a perna bem torneada”. Diante disso, o aspirante ficou derretido, “rendido, qual

outra Sebastopol". Interessante a comparação com a Sebastopol, um porto da base militar russa que foi sitiado por três exércitos, doze anos antes, durante a Guerra da Crimeia; o poeta fora rendido, fora sitiado pelas crioulas. Talvez porque estivesse "falando" com seu capitão tenha usado essa comparação a uma batalha naval.

Esse 'derretimento' aparece também em outros poemas dessa seleção. O compadre da cidade, por exemplo, vendo as moças brancas, crioulas e mulatas, desejou ter olhos devoradores e lábios pescadores, imagem mais poética e sensual do que a da rendição de Sebastopol. Se aquilo era martírio, ele era o próprio martirizado. Mas que coração, por mais empedernido, não se sentiria derretido? ele continua, com cumplicidade, perguntando a seu compadre como suportar os me-deixes da crioula sem de prazer se babar, como ficar impassível com a perninha roliça e bem torneada da cabrinha?

Na carta do capitão a seu correspondente na corte, ele repete uma estrofe do compadre da cidade colocando-a entre aspas, a dos olhos devoradores e lábios pescadores, e acrescenta que a dengosa mulatinha o faz perder os sentidos. Já o poema publicado em janeiro de 1869, embora não tenha um eu lírico que dê conta de seus próprios sentimentos, diz que entre "os prazeres da vida desfrutados na Bahia, tem lugar de distinção o folguedo deste dia", quando não há quem não fique derretido,

tal qual cera ao sol, rimando com a Sebastopol de João de Deus no ano anterior. No último poema desta série, o aspirante, novamente narrando na primeira pessoa, deleita-se com os dias venturosos em que “de ver moças me fartei, e voltei p’ra minha casa com os beijos que mamei”. Quatro anos depois da primeira narrativa que fez ao capitão, talvez já tivesse mais intimidade para falar de modo tão desabrido e deixar de lado as imagens de guerra.

A sensualidade da festa fica por conta das crioulas, mulatinhas e cabrinhas, são elas que arregaçam as saias e mostram as pernas e são elas também as descritas com maior riqueza de detalhes. A recusa, o “me-deixes”, é também carregado de sensualidade, é como se não fosse a sério, insinuando que naquele tempo o “não” não queria dizer exatamente não. Ou talvez não merecesse ser considerado como tal. Imagino o “me-deixes” como a tradução verbal de um jeito de corpo: o ombro a puxar a cabeça para o lado, como a escapar de um toque, provocando um requebro do corpo, a boca num muxoxo e a língua estalando um “tchu”. Assim como os quindins do poema publicado em 20 de janeiro de 1869, “um pagode / que tantos quindins encerra”, que são requebros, gestos graciosos e petulantes, que faz a rapaziada cair aos feixes.

Continua a primeira narrativa do aspirante. Pouco depois das sete horas a súpria, conduzida por trompa, clarineta, bumba e tambor sob a

regência de um mestre barbeiro, foi “em peso” ao porto buscar lenha. À frente, Maria das Vellas carregava um feixe, logo atrás Candinha levava dois, José Menino carregava nos ombros um cento. Mas, parecendo não bastar, houve ainda quem rachasse uma tripeça, ou apanhasse vigas de um sobrado, fazendo tudo virar lenha ou cavaco.

Essa procissão da lenha aparece em outros versos, em outros dias e anos, contada por outros personagens. Nenhuma bibliografia sobre o Bonfim tenta explicá-la. Mas parece que era parte importante dos arranjos da festa.

No trecho publicado em 20 de janeiro de 1866, da “Carta do compadre da cidade ao compadre da roça”, o primeiro diz que a “passaralhada”, referindo-se aos trabalhadores de forma jocosa, nem esperou findar a lavagem para ir buscar lenha na praia, vindo de lá, por exemplo, Miguel Peixe-Galo com um feixe na cabeça, onde tinha uma rodilha feita com as calças de Moisés, que estava “cozendo”. Dois anos depois, em 22 de janeiro de 1868, é o capitão quem escreve a seu correspondente na corte, o Patusco, para contar da lavagem do Bonfim. É a continuação da carta em versos cujas duas primeiras partes saíram nos dias 8 e 15 daquele mesmo mês. A procissão da lenha retorna, e novamente em meio a uma esbórnia: “Foram buscar lenha, ao toque de palma, e de bebedeira”. Em 1869, quem vai ao

porto buscar lenha é uma “tropolha”, designações “interessantes” para um grupo festeiro.

Mas não só, segue a procissão todo tipo de gente: o gorducho taverneiro, o inglês esquecido, o jarreta amortecido, os à moda vestidos, o padre depois da missa, certo médico de vela acesa na mão, o Dr. Bebé, com a clássica capona, atrás de Sinhá Chorona; o frade vadio; negros de cadeira,<sup>32</sup> uma velha de capa preta, algum rapaz com sobrenome, e um padre a tocar vú (cuíca), acompanhando a crioula Herculana que entoava uma chula. Enfim, todo tipo de gente: “Branca, crioula e mulata”.

Só sei é que neste dia  
Bicho careta não ha  
Que deixando a cidade  
Para a lavagem não vá.

Para receber essa trupe, muita comida era vendida nas barracas e preparada em casas, como a de Constança onde o aspirante comeu caruru. Além da festa, havia naquele período do ano uma revoada de gente para aquelas bandas. Era, então, parte afastada da cidade para onde iam as famílias mais abastadas veranejar. A demanda por lenha para os fogões, então, crescia e era grande e animado o bando que ia ao porto buscá-la.



Mas a “procissão” da lenha era só uma parte dos festejos. A parte estritamente religiosa, a missa, é citada de passagem, como uma função cumprida que autoriza a “esbórnica” que vem depois. Como diz o compadre da cidade, nem se sabe se é por devoção ou por distração que para o Bonfim tanta gente se abala. Mas é depois de ouvirem a missa que dão princípio à funçonata, e que depois de rezá-la o padre tira a batina e vai pra junto das crioulas. O poema em redondilha menor também cita um saudoso sino a chamar para a missa, e que o povo a igreja vai toda entupir, e esmola no cofre começa a cair.

A segunda narrativa do aspirante é que trata mais detidamente do sentido religioso da festa. Ele começa dizendo que foi ao Bonfim para dar graças ao criador prostando-se humildemente diante do seu altar. Mas quão difícil foi suportar o sermão do “padreco” no púlpito a dizer asneiras: que os fiéis eram pintinhos e o Senhor uma galinha! Os padres são constante alvo de galhofa, mesmo quando estão a cumprir seu ofício, e quando o deixam é para correr atrás de crioulas de pele de veludo, ou admirar o torneado das pernas de uma mulata. É o que faz este que o poeta chama de “jacobeu refalsado”. O jacobeu refere-se à seita de fanáticos religiosos do século XVIII que pregava uma reforma religiosa e moral, tem também a acepção de hipócrita. Hipócrita refalsado, fingido, portanto, pode ser entendido aqui como

um pleonasma literário, ou como um paroxismo. Ou duas ideias que se reforçam, uma à outra, ou que se negam. De todo modo, uma crítica bem dura ao pobre padre.

A música, é claro, é parte importantíssima da festa, e importante também é o papel do mestre barbeiro Marcos na regência. Em 1866 lá estava o mestre barbeiro na frente tocando zabumba em um “bem tangido lundu”. Nos dois poemas publicados em 1868 ele volta a aparecer tocando zabumba, enquanto um bem chorado lundu é entoado pela súcia. O capitão se refere a ele como patusco, e é ele também quem diz que a banda era de barbeiros (Toca a súcia barbeiral),<sup>33</sup> e que dela Marcos era o maioral.<sup>34</sup>

A música de barbeiro era obrigatória em qualquer festividade sagrada ou profana, ainda mais comum nas misturadas, desde a colônia, e conhecida em muitos lugares no Brasil. As bandas eram, em geral, formadas por escravos e libertos que exerciam o ofício de cortar cabelo, extrair dentes e aplicar sanguessugas, e, claro, fazer música para diversão pública. O romancista Manuel Antonio de Almeida, tratando do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, em *Memórias de um sargento de milícias*, faz uma descrição dessas bandas e destaca seu lado cômico:

Não havia festa em que se passasse sem isso; era coisa reputada quase tão essencial como o sermão; o que valia, porém é que nada havia mais fácil de arranjar-se; meia dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiro, ordinariamente negros, armados, este com um pistão desafinado, aquele com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orquestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delícias dos que não cabiam ou não queriam estar dentro da igreja.<sup>35</sup>

E de novo é o aspirante quem dá mais detalhes da música. Mestre Marcos, o barbeiro, também está à frente na banda que ele viu tocando um lundu, e estava acompanhado de Raymundo na trompa, João Quinto tocando bumba, Marciano e Salvador nas clarinetas e Olavo rufando tambor. Atrás iam, aos magotes, cantando chulas, tocando castanholas, as já tão cantadas crioulinhas, mulatinhas e cabrinhas. Além de cantar, dançavam as chulas e os lundus, o miudinho, davam umbigadas chamando outras e outros para dançar. E ainda mais música: pratos tocados por Lalau, berimbau por Xico Careca, e um padre tocando vú, ou cuíca.

Os versos são muito ricos de detalhes, e às vezes detalhes muito pequenos, como a rodilha para a cabeça que Miguel Peixe-Galo fez com as calças de Moysés. Também as pessoas são bem descritas, se não com muitos detalhes, pelo menos tratando de algumas de

suas características, físicas ou morais, que muitas vezes redundam em apelidos pela junção do nome a um adjetivo jocoso. O nível de pilhéria, ou o adjetivo escolhido varia bastante. O compadre da roça, por exemplo, cita as festeiras com apelidos que podem estar relacionados a sua atividade de trabalho, mas que podem ter outro sentido. Olegaria da tulha, por exemplo. Tulha era o recipiente onde se guardava grãos, farinha de mandioca para venda no mercado público. Olegaria podia ser vendedora no mercado, dona de uma tulha. Tem três marias, uma rica, dita do peixe; que decerto ganhava a vida vendendo peixe. E Maria matadeira e Maria sapateira trabalhariam na matança de animais e outra na confecção de sapatos, provavelmente, ou esses nomes referem-se a outras de suas características? Izabel do Cruzeiro provavelmente morava no Cruzeiro de São Francisco. Outros são mais enigmáticos, como Ignezinha do Pinto. Associados a bichos tem Martinita Boi, Manuel Calango e Miguel Peixe-Galo. Este, inclusive, aparece em três poemas, num deles está dito que ele lograva as pessoas. Talvez para ser bandido precisasse ser agressivo, ou difícil de ser “pescado”, ou, quem sabe, tivesse a cara parecida com a do peixe.

Os apelidos são caricaturas verbais que, em geral, querem dar destaque a características físicas ou do comportamento de uma pessoa, e o exagero vem para ridicularizá-la. Maria caboré (coruja, alguém com

olhos bem separados), Xico Careca, Paulina Coixa (variante antiga e de uso popular de coxa, que manca), Henriqueta olho de vidro certamente nos remetem a atributo físico. Os adjetivos malcriado, de Joaquim, girota, de Manuel, dengosa, de Antonia, e chorona, da Sinhá devem ser distintivos do caráter dessas pessoas. Só nos resta imaginar o que tinham ou o que faziam os homens chamados de Quiabo Duro, Cascavel, Meia Noite ou Cobra Viva. E quão diferentes entre si seriam essas moças apelidadas de Galinha Frita, Andreлина Acadêmica e Henriqueta Bolachão, Mariquinhas Bem-bem e Maria que dá prazer.

Não é sempre pelo apelido que os personagens são ironizados, às vezes seus nomes são seguidos de orações explicativas, como no caso de Clara, que já esteve num galinheiro trepada; ou Zé Canastra, que apesar da sua giba (corcunda) dança no pagode pulando que nem guariba (espécie de macaco).

No meio dessa trupe aparece a “capona”. A folclorista Hildegardes Vianna é quem dá notícias dessa personagem. As mulheres de capona eram rezadeiras, carpideiras, parteiras, trajavam “saia preta bem ampla, bata rendada de mangas compridas. À cabeça, um grande lenço branco com bico rendado na orla, sendo que as pontas eram cuidadosamente amarradas sob o queixo”.<sup>36</sup> É um contraste impressionante com as roupas das outras mulheres, como “a fascinante crioula, com a saia arregaçada”.

E ainda, usavam botinas e um guarda-chuva masculino, e por cima de tudo isso uma larga capona. Aquela visão devia ser incrível. Hildegardes diz que elas eram um dos tipos mais pitorescos da cidade, e temidas por suas artes e sabedorias

## V

Vale a pena parar e imaginar um pouco essa cena: se ali ao pé da ladeira do Bonfim, no meio dessa festa, com o sol quente na cabeça, o aspirante João de Deus dissesse: Que calor! e essa trivialidade bastasse para começar a sua crônica da festa. É o que Machado de Assis diz em “O nascimento da crônica”, publicada em novembro de 1877. Ele estima que a crônica tenha nascido junto com a vizinhança, com o hábito de sentar-se à porta e se dedicar aos assuntos do dia, o calor, o jantar, as ervas ensopadas do jantar, delas à vida alheia, à plantação do morador defronte e “logo às tropelias amatórias do dito morador”.<sup>37</sup>

Talvez por essa característica de narrar e descrever o miúdo, o ordinário, da crônica se diga que é gênero menor. “Graças a Deus”, diria Antônio Cândido, “sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura”. A crônica dá uma dimensão das coisas e das pessoas a partir do detalhe, e dá-lhe uma “grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.<sup>38</sup>

A origem da palavra, que vem de *khronos*, palavra grega para tempo, dá também uma dimensão singular ao gênero: seria a narrativa de um instante, de um momento. O uso dos versos nesta narrativa, uma crônica em versos, talvez se preste justamente a prolongar a vida daquele

acontecimento. E pode lhe dar outra dimensão, a de um instante eterno. Os versos são mais fáceis de serem lembrados, as rimas e a métrica facilitam a memorização. Porque, por princípio, versos são para ser memorizados e cantados, ou ditos em voz alta. Numa matéria publicada no *Correio Brasiliense*, Dad Squarisi diz que o verso mais popular do português é a redondilha maior. “Com sete sílabas, ela cabe na boca e gruda na memória”.<sup>39</sup>

Bastante frequente nos poemas desta coluna são as elisões para compor a métrica da poesia. Por exemplo: quem hoj'anda com dinheiro; S'empenham por mamadeira; Q'sambista sempre foi; Q'jeito p'ra isso tem. As elisões de palavras nos versos além de garantir a métrica e o ritmo, as aproximam do falar, especialmente do modo português de se falar o português, a sugerir que assim era falado na Bahia oitocentista.

Além de dar sonoridade, ritmo e musicalidade ao poema, as rimas são um extraordinário recurso para memorização, ou é o conjunto da musicalidade, ritmo e sonoridade que auxiliam a memória. Nos versos desta seleção, e em muitos outros publicados no jornal, as rimas são, na sua grande maioria, externas e soantes, e muito variadas em relação às classes gramaticais que empregam. Não vou fazer aqui um exercício estatístico dessas ocorrências, somente ilustrar com alguns exemplos.



Há adjetivos rimados que se contrapõem em sentido, e são bastante ilustrativos do espírito da festa, onde não há empedernido que não fique derretido, e sem que se saiba se é por devoção ou distração a gente pr'ali se abala. Outros reforçam a ideia do primeiro, como a perna da cabrinha delicada e torneada. Os verbos, nos modos infinitivo, indicativos e subjuntivos, rimam com diversas outras classes de palavra, como começa / cabeça; candeia / clareia; mulatinha / caminha; tenha / lenha. Mas também entre si, como em suportar / babar; e vá / há, mesmo quando em modos diferentes. Há também muitas rimas entre substantivos, umas bem bonitas como samambaia / saia. Tem uma bem interessante, me-deixes, substantivo formado por um pronome e um verbo rimando com outro substantivo, feixes. Incomum nesses poemas é a rima da estrofe

Dançando o Lundu

Faceira mulata

De voz aflautada

Dengosa, empinada.

Que difere das rimas com perfeita identidade das vogais finais e também das consoantes, que são as mais comuns nesta seleção.

Todos os elementos formais e criativos dos poemas se juntam para produzir imagens da festa. São como instantâneos. Logo depois de

escrever que são como instantâneos, me ocorre que talvez essa ideia elimine o movimento. O que seria um pecado diante de tantas danças, requebros, olhares e desejos. São quadros de instantes que se mexem e se eternizam. Se o jornal, o suporte onde foram escritos, é destinado a uma vida curta, a memória preserva esses instantes por um tempo, quanto? E se a escrita e a leitura eram para muito poucos, a oralidade o traduz para uma audiência muito maior.

Se continuarmos o exercício de imaginação, podemos ver folhas d'*O Alabama* amassadas, pisadas, sujas e rasgadas no chão da festa, mas talvez alguns versos do ano que passou sendo cantados nas chulas e lundus e dançados no miudinho.

No caso de *O Alabama*, os versos que narram a festa do Bonfim são sobretudo a crítica bem-humorada da sociedade e dos costumes. Mais branda com uns, mais aguda com outros. A festa é um espaço privilegiado de observação, participante, claro, "Pois haverá quem resista à tentação"?

Há nos versos um tom geral de pilhéria, mas o tratamento dado, o que é dito da festa é que é uma esbórnica de prazer a que ninguém resiste. O louvado "derretimento" pelas beldades que desfilam no cortejo é duramente criticado no padre, que "depois da missa tira a batina e lá vem, para junto das crioulas".

O ataque ao clero é constante no jornal. Num poema publicado no segundo número, em 23 de dezembro de 1864, a coluna trouxe uma chula, que segundo Moraes é “música, ou dança profana, lasciva”. Diz os versos: “Xentes, vocês já viram o padre Rosa Vião”, e lá vai maledicência... que vindo lá do sertão, é abutre que depena as vizinhas, maltrata as madames, espanta outros padres, seduz as virgens, parece o demônio, ‘Cruz!’. Novamente em 26 de fevereiro de 1864, no poema “Jejum sem penitência”, usando um duplo sentido, acusa o padre de atividade sexual. Lembram daquele padre lá atrás que tocava cuíca? A cuíca, se sabe, é um instrumento que produz som pela fricção de uma varinha ou uma tira de couro que é presa na pele do tambor. O movimento da mão que toca se assemelha ao da masturbação. E lá ia o padre atrás das crioulas e tocando vú.

A lascívia é acusação frequente aos padres, mas também por praticar simonia o clero é denunciado. Em 18 de março de 1864, por exemplo, nos versos de “Latronópolis / Bomba Ardente”, no meio “muito ladrão na praça, tem muito frade devasso”, imoral, hipócrita, e até fariseu, “que cometem desacatos na própria casa de Deus; que o vendem todas as horas; como si fossem judeus”. Dois anos depois, em março de 1866, no meio de uma caterva, o aspirante traz para o capitão um “padre de óculos que empresta dinheiro a prêmio, com juro exagerado”.

Estes dois últimos poemas citados não estão na seleção publicada aqui. Fazem parte de um conjunto, grande, da mesma coluna dedicado aos roubos, tema de que o resto do jornal se ocupa bastante. Volta e meia, no meio da roubalheira havia um padre. E eles eram muitos na cidade. O Censo de 1871 contou 102 padres, 28 regulares e 74 seculares. Com alguns deles *O Alabama* teve sérios perrengues. Isso é assunto para outro olhar sobre o jornal. Aliás, há nele um sem número de assuntos a estudar e comentar.

## VI

Estes padres atendiam às necessidades espirituais, e não só, de uma população de 108.138 almas, em Salvador, ou melhor, dos 99,88% que eram os católicos. Percentual muitíssimo superior aos que sabiam ler e escrever, que eram 32,50%. Entre ele três escravos. Mais do que a Bahia como um todo, onde só 18,06% eram capazes de ler. Números ainda melhores do que os do Brasil, que tinha quase 85% de analfabetos.<sup>40</sup> Numa sociedade, portanto, muito pouco letrada chamam atenção os 289 jornais publicados na Bahia, listados por Lizir Arcanjo.<sup>41</sup> Assim como é espantosa a longevidade do próprio *O Alabama*. Situação semelhante foi encontrada na Vila de São João del Rey onde foram publicados doze periódicos entre os anos 1827 e 1844. Flávia Silvestre Oliveira e Maria da Conceição Carvalho, num artigo sobre práticas leitoras em Minas Gerais, também se perguntam: “Como entender essa proliferação da palavra impressa numa época com altíssimo grau de analfabetismo em todo o país?”<sup>42</sup>

Os relatos de viajantes estrangeiros no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, dão conta de uma cultura letrada “degradada, desinteressante e inadequada”.<sup>43</sup> Ferdinand Denis teve a mesma impressão sobre a Bahia na primeira metade do século XIX, sentiu um “choque pelo pouco em prazeres intelectuais que a província podia oferecer, o baixo nível cultural do ambiente”.<sup>44</sup>

Esses relatos, no entanto, mostram brechas que levam a “pôr em questão a imagem por eles construída”.<sup>45</sup> Nessas brechas aparecem situações em que alguém lê em voz alta para um grupo de pessoas. A prática da leitura em voz alta aparece também nas províncias mineiras, como forma de acesso de pessoas às notícias que circulavam nos jornais do século XIX.<sup>46</sup> Maria Lúcia Pallares Burke, tratando do papel da imprensa na educação e, mais detidamente, do periódico pernambucano *O Carapuceiro*,<sup>47</sup> destaca que a leitura em voz alta, em casa ou fora dela, era “manifestação de sociabilidade e atributo de pessoa culta e refinada” e orientada por manuais da arte da leitura. Assim como Oliveira e Carvalho, Pallares-Burke também afirma que essa prática era comum na Europa medieval.<sup>48</sup>

Do lado de cá do Atlântico Norte a prática era também conhecida. O capitão Jefferson Kyle Kidd, protagonista do filme *Relatos do Mundo*, é um veterano da Guerra Civil que viaja pelo estado norte-americano do Texas, em 1870, lendo em voz alta as notícias do mundo para as pessoas e sendo remunerado por isso.<sup>49</sup> Também em outros lugares do Brasil, “os jornais eram lidos em voz alta em diversos lugares da vida pública, nas tavernas, mercados, armazéns, no cais do porto etc.”.<sup>50</sup>

Os poemas dessa seleção têm sotaque próprio da oralidade: as elisões nas palavras, que tanto as aproximam da fala; a métrica da maioria

dos versos, quase todos em redondilha maior e muito comum no falar cotidiano na língua portuguesa; as rimas soantes sempre em abcb. Elementos que favorecem a memorização, e são confortáveis à oralidade. E assim podemos imaginar os poemas da coluna “La Vae Verso” circulando nos quatro cantos das cidades alta e baixa da Bahia, sendo lido nos botequins, no Porto da Lenha, no Cais Dourado para um grupo de passantes ou fregueses, nas casas da avenida Dendezeiros e também nas da Rua do Tijolo, e possivelmente nas casas dos comerciantes, e até nas dos barões e marqueses e de toda a “canalha” que *O Alabama* tanto persegue. E muitos dos personagens que aparecem nos versos, considerando que fossem pessoas reais, provavelmente incapazes de decifrar sinais gráficos e, portanto, à margem do universo da escrita, entravam em contato com esses poemas, que ouviam e guardavam na memória.<sup>51</sup>

Com tamanha longevidade e periodicidade, *O Alabama* deve ter lançado âncoras no imaginário da Bahia. Se por um lado contribuiu para a construção de um mundo da leitura, do mesmo jeito, se não lançou pelo menos ecoou muito da imagem que persiste entre nós da Cidade da Bahia e de seu povo, algumas das quais temos dificuldade de nos livrar até hoje, como a erotização da mulher negra, daquelas a quem chamavam de crioulinhas, mulatinhas e cabrinhas.





### A transcrição dos poemas considerou:

- Manter a disposição dos versos na folha, bem como a organização destes em estrofes;
- Respeitar a rima e a métrica;
- Manter a pontuação;
- Manter as palavras/frases em itálico;
- Manter o uso do apóstrofo como em: c'o, qu'em;
- Simplificar as consoantes dobradas "LL", "CC", "FF", "PP", "NN", como em pelle, occulto, affetar, apparecer, annos;
- Simplificar os dígrafos helenizantes: "PH", "TH" como em: triumpho, thesouro;
- Trocar o "Y" por "I" como em martyrio;
- Corrigir os erros óbvios;
- Simplificar os grupos consonânticos impróprios; "CT", "PT" como em: desfructar, captivar;
- Acentuar graficamente conforme o sistema vigente;
- Atualizar os ditongos "EO(S)", "IO" e "OA" como em: Deos, agoa.

[ 1 ]

**Carta do compadre da cidade  
ao compadre da roça**

(20 de janeiro de 1866)

Sr. compadre — Há bom tempo  
Não lhe atijo uma das minhas,  
Pois agora lá vai esta  
Contando certas cousinhas.

Saiba que fui à lavagem  
Que foi muito concorrida,  
Foi uma função d'estouro,  
Cousa gostosa, esplendida.

O que não sei lhe dizer  
É, si é por devoção  
Que s'abala tanta gente,  
Ou por simples distração.

Só sei é que neste dia  
Bicho careta não há  
Que deixando a cidade  
Para a lavagem não vá.

É belo estar à janela  
Logo pela madrugada  
Vendo passar a crioula  
De vassoura, e requebrada.

De balaio na cabeça  
A dengosa mulatinha,  
É gostoso contemplá-la  
Como faceira caminha.

Ver gorducho taverneiro  
Com a cara avermelhada  
Munido d'uma bem grossa  
Vassoura toda enfeitada.

O próprio inglês esquecido  
Que chega a vapor inglês,  
Deixa fechado o escritório  
E lá vai por sua vez.

É um dia de mão cheia  
Que se passa no Bonfim,  
Bem poucos dias na vida  
Se podem contar assim!

Quanto tesouro oculto  
Aparece nesse dia!  
Primores da natureza  
Que tem suprema valia!

Eu quisera ter uns olhos  
Que fossem devoradores,  
Que meu peito fosse rede  
E meus lábios pescadores.

Depois de ouvirem a missa  
Dão princípio à funçonata,  
Reunindo-se em comum  
Branca, crioula e mulata.

Aí é que está o choro,  
Meu compadre de minh'alma,  
Si chamam isso martírio  
Do martírio eu quero a palma.

Qual será o coração  
Que por mais empedernido  
Mirando aquele painel  
Não se sinta derretido?

Haverá peito tão duro  
E capaz de suportar  
Os *me-deixes* da crioula  
Sem de prazer se babar?

Quem pode ver impassível  
A cabrinha delicada  
Mostrando mimosa perna  
Roliça e bem torneada?

O jarreta amortecido  
Com 60 anos de idade,  
Carrega seu pote d'água  
Com presteza e agilidade,

Somente para poder  
A mulata acompanhar  
Que lá foi ao chafariz  
Seu pote d'água buscar.

O padre depois da missa  
Tira a batina e lá vem,  
Para junto das crioulas  
Lavar o adro também.

Não esperam que a lavagem  
De todo findado tenha,  
Lá vai a passaralhada  
À praia carregar lenha.

Na frente Marcos barbeiro  
No zabumba vem tocando  
Um bem tangido lundu;  
E toda gente sambando.

Vem muita *fazenda fina*  
E cousa grossa também,  
Vem Mafalda do Querino  
E Mariquinhas Bem-bem.

Vem Olegaria da tulha,  
Vem Helena, vem Rosaria,  
Vem Ignezinha do Pinto,  
Vem Salomé, vem Macaria.

Vem Izabel do Cruzeiro  
E Maria matadeira,  
Bernardina do Balbino  
E Maria sapateira.

Maria Gloria lá vem,  
Maria-rica, do peixe,  
Pulcheria, e Severiana,  
Cada uma traz seu feixe.

Felicidade Vovó  
Que ainda não perde vasa  
Martinita boi, e Mosqueta  
Com toda gente de casa.

Lá vem Miguel Peixe-Galo  
De lenha um feixe trazendo  
Faz rodilha d'umas calças  
Do Moysés, q'stá cozendo.

O Custodio que é um homem  
Por crioula apaixonado  
Vem no meio do farrancho  
Com um *ramo* acompanhado.

Também vejo certo médico  
De vela acesa na mão  
Para acender as fogueiras  
Quando for ocasião.

No centro lá vem sambando  
O Barros das Oliveiras,  
Com Jeronyma e Umbelina,  
Duas crioulas faceiras.

Mais atrás vem um doutor  
Cujo gosto conhecido  
É querer só desfrutar  
Aquilo que é proibido.

Quem fecha o rancho? aposto  
Não sabe como se chama;  
É o nosso João de Deus,  
Aspirante do Alabama.

O mais que se tem passado  
Dirá com simplicidade  
Outra vez que lhe escrever  
O compadre da cidade.

Agora faço reparo  
Q'esta vai muito comprida;  
Não vamos a estafar:  
Chupe aqui a despedida.

[ 2 ]

(7 de fevereiro de 1867)

— Venha cá, meu aspirante,  
Chegue p'ra perto de mim;  
Conte-me lá como foi  
De lavagem do Bonfim.

— Sim Sr., meu capitão,  
Vou descrever fielmente  
Esse chistoso pagode,  
Que abalou a tanta gente.

Na quarta-feira de tarde,  
Acabado o expediente,  
Fechei a secretaria,  
Pressuroso e diligente.

Corri para o Cais Dourado,  
Embarquei na machambomba;  
Que, de passagem direi,  
É uma empresa de arromba.

A minha amável Simôa,  
Minha antiga companheira,  
Divertida como eu,  
Foi desde segunda-feira;

Desembarcando no ponto,  
Fui à casa da Constança,  
Onde achei bom caruru,  
Moqueca e boa pitaça,

A noite passei n'um samba  
Com Virginia e Magdalena  
Raymunda da Rua Nova,  
Quiabo duro e Helena.

Assim que veio raiando  
A aurora matutina,  
Entripamos mocotó,  
Feito pela Constantina.

Empurrei-me para o adro,  
Depois de finda a papança;  
A tomar apanhamento  
De quem vinha p'ra festança.

O campo estava apinhado  
De gente de toda laia,  
Muito rapaz, muita moça  
Porém, mais gente de saia.

La da rua do Tijolo  
De crioulas uma súcia  
Vinha pelos Dendezeiros  
E atrás delas a Lucia.

E trajavam uniforme  
Todas de um gosto só:  
Saia de *yaya do ouro*,  
Laço branco de filó.

A fascinante crioula,  
Com a saia arregaçada,  
Fazia garbo em mostrar  
A perna bem torneada.

Porém as de pernas finas,  
Gravetos ou samambaias,  
Preferiam enlamear-se  
A levantarem as saias.

Eu estava derretido,  
Como manteiga no sol!  
Meu peito estava rendido,  
Qual outra Sebastopol.



Pouco mais das sete horas  
Principiou a patusca,  
Indo a súcia toda em peso  
De lenha ao porto na busca.

Marcos barbeiro na frente,  
No *baixo* pintando a manta,  
Raymundo na sua trompa  
Um soberbo lundu canta.

João Quinto toca bumba,  
Marciano e Salvador  
Vão locando clarineta,  
Olavo rufa tambor.

Como chefe da folia,  
Muito dengosa e gamenha.  
Vinha Maria das Vellas  
Trazeno um feixe de lenha.

Como ajudante d'ordens  
Toda cheia de me-deixes,  
Vem Candinha carregando  
De lenha dois grandes feixes.

Com saia de musselina,  
Brincos a Tamandaré,  
Vem servindo de baliza  
A Maria caboré.

Depois segue-se o piquete  
Onde vem Chrispiniana,  
Andrelinha Acadêmica  
Anastácia e Damiana,

Vem Lydia, Maria Engracia,  
E Maria Carolina,  
A Benedicta Rebouças  
E também a Brasilina.

A crioula Jacobina,  
Vem ufana e altaneira,  
Formada a dois de fundo  
Com Rita da Cachoeira

Atraz delas vem Andreza  
Da imparcialidade rainha  
Formando guapa parelha  
Com a crioula Marinha.

A Clara, que já esteve  
N'um galinheiro trepada,  
Vinha com a V.....  
Sua fiel camarada.

Nove sujeitos gaiatos  
Racharam uma tripeça,  
fizeram dela cavaco  
E carregaram por peça.

Vinha um lázaro medonho  
Com as vigas de um sobrado,  
Que fez em lenha, depois  
De ter ao dono logrado.

Vinha o José Menino  
Com seu grosso papa vento,  
Carregando sobre os ombros  
De achas de lenha um cento.

Vinha o Dr. Bebé  
Com a clássica capona,  
Encrespando os bigodinhos  
Atrás de Sinha Chorona.

Mas que gosto de rapaz  
Para o que é feminino!  
Foi costume que herdou  
Do tempo em que era menino.

Também carregava lenha  
O douto moço Brandão,  
Para alcançar do Senhor  
Triunfo da eleição.

Cai aqui, cai acolá  
La vi o Ignacio aberto,  
Pedindo a Deus que lhe desse  
De suplente um lugar certo.

Tendo se acabado a lenha  
Foram o adro lavar;  
Acabado esse pagode,  
Foi-se a baderna sambar.

A crioula Herculana  
Uma chula entoou;  
Rosa do peixe, Lourença  
A toada acompanhou.

Tocava vú certo padre  
Que é parente do Neca,  
Rufava pratos Lalau,  
Berimbau Xico Careca.

Caiu na roda Olegaria,  
Puxou mui bem a fieira  
E foi dar uma umbigada  
No rapaz Bastos Pereira,

Saiu ele mui lampreiro,  
Fez o seu sapateado,  
E deu uma horrenda coixa  
N'um tal Joaquim Malcriado.

Este depois d'um corrido  
Deu na crioula Clothildes,  
A qual fez o seu peão  
E foi bater na Mathildes.

Depois do um miudinho,  
Quo fez Antonia Dengosa,  
Dançou Maria Libania  
E depois Maria Rosa.

Paulina Coixa, Izabel,  
A Brigida e Anastacia,  
Feleciana e Bemvinda  
Severiana e Nicacia;

Theodora e Clementina,  
Claudiana e Simplicia,  
Severiana e Justina,  
Afra, Amelia e Felicia;

Sophia, Maria Augusta,  
Galinha frita chamada,  
Fizeram tais requebrados  
Que pôs a gente pasmada

O samba e a borracheira  
Durou até à tardinha;  
E então para a cidade  
Quem lá não ficou caminha.

[3]

### Festa do Senhor do Bonfim

(16 de janeiro de 1868)

Eu louvo o festejo  
Melhor cá p'ra mim,  
A lira me afina  
Senhor do Bonfim.

Festejo que é feito  
Com tanta influência,  
Com tanta riqueza,  
Mas pouca decência.

Apenas a aurora  
Começa apontar,  
O povo contente  
Começa a marchar.

E vem com tal graça  
As barras do dia,  
Que todos desejam  
Fazer romaria.

O povo a igreja  
Vai toda entupir,  
Esmola no cofre  
Começa a cair.

Lá chega o doente  
Já convalescido,  
- Que traz o milagre  
Que foi prometido.

Cavalo não fica  
Por magro e cansado,  
Que abaixo e acima  
Não seja esquipado.

Só passam nas ruas  
Famosos balaios  
Com queijos, presuntos,  
Com vinhos e paios.

No rancho de flauta  
Que traz castanhas,  
Não falta o gaiato  
Contando parolas.

Lá passa a beata  
Toda arregaçada;  
Do longo caminho  
Vem já bem cansada.

La vem o vapor  
De crioulas cheio;  
Os amantes destas  
também vem no meio.

Lá chega no cais  
Com tope o saveiro,  
Que traz dentro o amo,  
O filho e caixeiro.

Que vista sublime!  
Que gosto sem par!  
Do povo que busca  
Jesus adorar!

Mangueiras frondosas  
Abrigo da gente,  
Que toca a viola  
Sambando contente.

Rapazes gamenhos  
À moda vestidos,  
De gordos cavalos  
Sempre stão munidos

Ouvir da igreja  
O sino saudoso,  
A gente p'ra missa  
Chamar pressuroso.

As moças em pencas  
Comprando na feira  
Bonecos trocando  
Na tal brincadeira.

Dançando o Lundu  
Faceira mulata  
De voz aflautada  
Dengosa, empinada.

Ao som dos pandeiros  
Toda eletrizada,  
Fazendo trejeitos  
Da uma embigada.

O frade vadio  
Foge do convento,  
Mete-se na roda  
No mesmo momento

Nas casas do adro  
Stá rolando o jogo,  
E os que mais perdem  
É que tem mais fogo.

Lá estão botequins  
Bem cheios de gente.  
Uns compram petiscos,  
Outros aguardente.

Ir à Mont-serrat  
Ou Boa Viagem,  
Meninas no banho  
Achar de passagem.

Cabelos caídos  
No colo ondeados,  
Braços elegantes  
Peitos boleados.

À noite o leilão  
A todos convida  
P'ra ver o adônis  
Gastar com a querida.

No adro e no campo  
A gente deitada,  
A espera do fogo  
Fazer caçoada.

Ouvir na novena  
Beatas cantando,  
E o Marcos barbeiro  
Zabumba tocando.

Foguetes avisam  
Que o fogo começa,  
Quem estava deitado  
Levanta a cabeça.

La giram rabeios  
Craveiros, pistolas.  
Foguetes que fazem  
No ar carambolas.

Foguetes de lágrima  
No ar faz candeia,  
Caindo em melúrias  
Às casas clareia.

Então neste ato  
Se vê de repente  
O campo coalhado  
Com a pinha de gente



Moleques vadios  
Que vão tomar sopa  
Soltando assovios  
Gritando – garoupa.

O povo em plutões  
Aí volta cantando  
Caixeiros, rapazes  
Com flauta marchando.

Cavalos, carrinhos,  
Negros de cadeira,  
empatam caminho  
Nesta brincadeira.

Ao pé de uma velha  
Que traz capa preta,  
Vem moça acanhada  
Vestida em careta

Um véu desbotado  
Cobrindo o pescoço,  
Vestido mal feito  
Descobrimdo o osso.

Avelha apressada  
La vai sempre a pista.  
Com medo que a moça  
Não fuja da vista.

Que nestas meninas  
Há bem alvitreiras  
Que mesmo por graça  
Vão indo as carreiras.

E logrando a velha  
Nesta cassuada  
Podem vir pra casa  
De barriga inchada.

[ 4 ]

**Carta do Capitão do  
“Alabama” a seu  
correspondente na corte,  
o Patusco**

(25 de janeiro de 1868)

— Como lhe ia dizendo,  
La vai a descrição  
Do tudo o que observei  
Da lavagem na função.

Desde as três da madrugada  
Havia gente em caminho,  
Batendo pelas tavernas  
Para tomar seu copinho.

Às cinc'horas da manhã,  
Estava o campo coalhado,  
E o caminho parecia  
De gente um mar espelhado.

Manuel Girota tambor  
O primeiro toque deu,  
E a falange crioular  
Em linha se estendeu.

Quando deram sete horas  
Começou-se a patuscar,  
Indo a gente feminina  
Ao chafariz água buscar.

É quando se pode ver,  
Cria isso com pureza,  
Quanta obra de primor  
Produziu a natureza.

“Eu quisera ter uns olhos  
“Que fossem devoradores,  
“Que meu peito fosse rede  
“E meus lábios pescadores.

Faz só perder os sentidos  
Ver dengosa mulatinha,  
Com o pote na cabeça  
Como faceira caminha.

A requebrada crioula  
Toda a se remexer,  
Correndo p'ra o cháfariz  
Ir sua panela encher.

Ainda bem a lavagem  
Não se ia terminando,  
Para carregar a lenha  
Foi o rancho se formando.

Divididas por altura,  
Em pelotões se fizeram...  
Ao depois eu lhe direi  
As comandantes quem eram.

O patusco mestre Marcos  
Pôs-se na frente do bando;  
Leva o bombo na cabeça  
E lá vai *sapateando*.

Um bem chorado lundu  
Toca a súcia barbeiral,  
Regida pelo tal Marcos  
Que é dela o maioral.

Floripes no seu pistom,  
Manuel Calango no baixo,  
Dizendo do amor a décima  
Do prazer acende o facho.

Atrás deles vem Mafalda  
E sua amiga Thomazia,  
Henriqueta bolachão,  
E a comadre Athanazia.

Depois, Sinhô Zé Canastra  
Apesar da sua giba,  
Vai metido no pagode  
Pulando como guariba.

Após vem Serapiana  
Que no lundu faz cobiça,  
Traz a saia arregaçada  
Mostrando perna roliça.

Um sujeito, que herdando  
Um campo, limas plantou,  
Suando como um corcel  
Depois da hora chegou.

Lá vem Maria Philippa  
Como cutia ligeira,  
Correndo para tomar  
Seu lugar na brincadeira.

Que sentimentos eu tive,  
De não ver o Celestino!  
Saudades do Fr. Lanigero,  
É causa do seu destino.

Miguel peixe galo tem,  
Cria, um gosto estragado!  
No chapéu levava a conta  
Dos logros que tem pregado.

Com ele ia uma súcia  
Que me pôs do boca aberta;  
Cascavel e Meia Noite,  
Cobra viva e Felisberta.

Com um patacão de sola  
Pendurado na cintura,  
la pintando peruta  
Uma certa criatura.

Henriqueta olho de vidro  
Com seu lenço de veludo,  
Todo bordado de ouro  
Causava inveja a tudo.

O *Colombo das Ombreiras*  
Traz consigo um cartapácio:  
São bilhetes proibidos  
Que anda vendendo um maço.

O coronel Tranquilino,  
Que se diz arrependido,  
Vi no meio das crioulas  
Bem gamenho e derretido.

Uma voz que na cabeça  
Ele traz, assim lhe disse,  
Que chegando no Bonfim  
Esquecesse a beatice.

(Continua.)

[5]

(20 de janeiro de 1869)

A lavagem do Bonfim,  
Prazer da rapaziada,  
Por mais que se diga dela,  
Por demais nunca é cantada.

Resume em si tantos gozos,  
Expande tanto prazer,  
Que, si se morre de gosto,  
Bem pode fazer morrer.

Entre os prazeres da vida  
Desfrutados na Bahia,  
Tem lugar de distinção  
O folgado deste dia.

O homem fica tão brando  
Como cera posta ao sol,  
O coração pinoteia,  
O juízo é um caracol.

Quem não gosta de um pagode  
Que tantos quindins encerra,  
Perdeu o gosto da vida,  
Ou não nasceu nesta terra.

Pois haverá quem resista  
Do desejo à tentação,  
De ver como a natureza  
Criou tanta perfeição?

O acendedor do gás,  
Inda mal não tem soado  
As quatro da madrugada,  
Tem o serviço acabado.

O açougueiro com pressa,  
Para acabar o trabalho,  
Deixa de roubar no peso  
Só para fechar o talho.

Té o homem da limpeza  
Que anda varrendo a rua,  
Muito antes da meia noite  
Tem findo a tarefa sua.

O sebosos vendilhão  
Fecha a taverna este dia,  
E junto co'a *companheira*  
Se largam para a folia.

O caixeiro do comércio  
Pede licença ao patrão,  
Enfronha o paletó branco  
E lá vai para a função.

À crioulinha dengosa,  
De balainho arrumado,  
De vassoura atravessada,  
Vai fazendo um requebrado.

A faceira mulatinha,  
Mimosa como alfenim,  
Vai de saia arregaçada  
Caminhando p'ra o Bonfim.

Muita gente neste dia  
Sem água em casa ficou,  
Pois que a negra do barril  
Para o Bonfim se largou.

O próprio empregado público  
Neste dia falta ao ponto,  
E para encontrar a gôndola  
Vai correndo como tonto.

O austero sacerdote  
Com ar mui grave e sisudo,  
Vai atrás de uma crioula  
Cuja pele é um veludo.

De olhos cravados no chão  
Vai o padre lazarista;  
Julgais aquilo real?  
Mentira! É um hipócrita.

Pois que olhando de revés,  
O jacobeu refalsado,  
Das pernas d'uma mulata  
Admira o torneado.

Até um certo beato,  
Que amanhece no templo  
De braços em estação;  
Da turba segue o exemplo.

É que, apesar de beato,  
Como os mais, tem coração;  
Segue a *certa vizinha*,  
Que é a sua tentação.

O marido que seis meses  
Não faz, morreu-lhe a mulher,  
Mesmo vestido de preto  
Vai meter sua colher.

O soldado neste dia  
Esquecido do castigo,  
Engana o sentinela  
E foge pelo postigo.

Cousa incrível! O agiota  
Cuja sordidez não cansa,  
Aferrolha o tesouro;  
Vai assistir a festança.



Quando o dia vem rompendo,  
Tudo já está no Bonfim!  
Já há gente estropiada,  
Deitada sobre o capim.

E eu encarapitado  
Sobre o majestoso adro,  
Vou contemplando enlevado  
Tão apreciável quadro.

Vejo o Sr. Zé Canastra,  
Reformado em coronel,  
Que por ser mui precatado  
Traz às costas seu farnel.

Além stão duas crioulas  
Pelos gestos muito amáveis,  
Henriqueta e Bernardina,  
Amigas inseparáveis.

Maria que dá prazeres  
A quem certo trapicheiro  
Amara com grande ardor,  
Desde o tempo de caixeiro.

Até o velho Macedo  
Que anda arrastando os pés  
Vejo metido no meio  
De crioulas, umas dez.

Com a saia enguindada,  
Um balaio com comida,  
Procurando o Cassiano,  
Vejo Helena n'uma lida.

Oh, que famosa vassoura  
Traz o Joaquim Tamanqueiro!  
Roliça, grossa, enfeitada;  
Custou-lhe bem bom dinheiro.

Um grupo que ali está  
É Pupu, Maria Ignez,  
Falta só Alexandrina  
Que não veio desta vez.

Vejo ali o Zé Menino,  
O rapaz do papa-vento,  
Em seu soberbo corcel,  
Olhando sério atento.

Aquele grupo de homens  
Que vejo em ar de romagem,  
É a seita progressista  
Que também veio à lavagem.

Logo quo eu vejo a Thomasia,  
A Mafalda anda aí ...  
Vem um pouco mais atrás;  
Já avistei-a d'aqui.

Os diabos das crioulas  
Afetam uns tais me-deixes,  
Que faz a rapaziada  
A seus pés cair aos feixes.

E aquele que não sente  
A alma cheia d'alegria,  
É qual cachorro de roça;  
Lambe a... mão, bebe água fria.

Posto diga ser sabido,  
Aquele padre, se engana,  
Vejam como está rendido  
Pela Maria Joana.

Lá foram mudar de roupa,  
No botequim da Anastácia,  
Salomé e Benedicta,  
Gertrudes, Ritta e Ignacia.

Bravo! Miguel Peixe galo  
Logo vi que não faltava,  
A demora foi enquanto  
Num freguês logro pregava.

São sete horas e meia,  
Vai começar a lavagem;  
O bombo já deu sinal  
P'ra chegar a sarandagem.

(Continua)

[ 6 ]

(8 de fevereiro de 1871)

— Do Bonfim a grande festa,  
Capitão, vou descrever,  
P'ra pintar tão belo quadro,  
Eu sinto cores não ter.

Ao Senhor Deus do Universo  
Eu fui contente adorar,  
Me prostrando humildemente  
Diante de seu altar.

Em ondas crescia o povo  
Que ia a sua romagem,  
Cada qual mais apressado  
Do templo para a lavagem.

Nove noites de função  
Com toda pompa e esplendor,  
Em que alegres ressoavam  
Mil graças ao Criador.

Que não houvessem sermões,  
Seria bom, capitão,  
Porque hoje os pregadores  
São os bobos da função.

Sobe um padreco ao púlpito  
Para o riso provocar,  
Dizendo asneiras tamanhas  
De fazer arrepiar!

Um cujo ouvi eu dizer,  
Cria na palavra minha,  
Que nós éramos uns pintinhos  
E o Senhor uma galinha!

Não sendo o grande Raymundo,  
O Rodrigo e o Fiusa,  
E mais alguns que não digo,  
O resto já não se usa.

Porém basta de sermões,  
Descrevamos o festim,  
E o que houve de notável  
No deleitoso Bonfim.

Duas músicas tocaram  
Lindas peças de encantar,  
E pelo largo se viam  
Belas ninfas passear.

Outras sentadas na frente,  
Lá das casas dos romeiros,  
Os corações cativaram,  
Com seus olhares fagueiros.

Nestes dias venturosos  
De ver moças me fartei,  
E voltei p'ra minha casa  
Com os beijos que mamei.

Viram meus olhos porém  
Uma engraçada donzela,  
Que prendia os corações  
A sua cor de canela.

Bonfim, Guia e S. Gonçalo,  
Foram três festas pomposas,  
Em que fragrantes brilharam  
Da existência lindas rosas.

Teve sobeja razão  
O vate que disse assim:  
— “Desta Bahia o mais belo  
Dos sítios é o Bonfim”.

E o vasto Itapagipe,  
Refrigério dos mortais,  
É ele o lugar que escuta  
Minhas queixas e meus ais.

Agora que se findou  
De S. Gonçalo a função,  
Das moças teve despacho  
Cada uma petição.

Sáfram indeferidos  
Uns quatro requerimentos,  
Por falta de *estampilha*,  
Não terem documentos.

Um d'entr'eles foi com vista  
Ao namorado desfrutável,  
O qual embargos deitou  
A um despacho favorável.

Por ser muito presunçosa  
A dona de outro pedido,  
E ter a língua comprida,  
Levou um indeferido.

Cinco foram despachados  
Todos favoravelmente,  
E d'entre eles todos cinco  
Já e já teve um somente.

São cinco as moças, portanto,  
Das quais os requerimentos  
Tiveram de S. Gonçalo  
Completo deferimentos.

A elas meus parabéns,  
Que Deus lhes dê boas sortes,  
Que vivam por muitos anos  
Ao lado de seus consortes.



## NOTAS

- 1 Disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/2017/06/49/O-Alabama.html>.
- 2 Segundo o jornalista Nelson Cadena, existiu mais de um jornal com o nome *Alabama*, o primeiro entre 1863 e 1883, o segundo em 1887, e outro em 1890, e escreve: “sem nenhuma identidade com o original, esse último monarquista assumido em tempos de República”. Nelson Cadena, “O Alabama como fonte de pesquisa social”, *Correio da Bahia*, 26 de fevereiro de 2016, versão online.
- 3 O poema pode ser lido em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/648-luiz-gama-la-vai-verso>.
- 4 Bestunto, inteligência curta, pouco juízo; pejado, estorvado, embaraçado. Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Empresa Litteraria Fluminense.
- 5 Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça foi um advogado, jornalista, magistrado e escritor brasileiro, um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras.
- 6 Ligia Fonseca Ferreira, “Luiz Gama por Luiz Gama: carta a Lúcio de Mendonça”, *Teresa - Revista de Literatura Brasileira* [819]; São Paulo, p. 300-321, 2008.
- 7 Eduardo Antonio Estevam Santos, “Luiz Gama e a sátira racial como poesia da transgressão: poéticas diaspóricas como contranarrativa à ideia de raça”, *Almanack*, n. 11, Guarulhos, set./dez. 2015.



- 8 Marcelo Balaban, *Poeta do Lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*, Editora Unicamp, 2009.
- 9 Amós Coêlho da Silva, “Quem ri consente?”, *Phoenix*, Rio de Janeiro, 15-1: 42-57 (2009).
- 10 Alvará de 10 de abril de 1808 – Permite o livre estabelecimento de fábricas e manufaturas no estado do Brasil (Coleção de Leis do Brasil, 1808, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891, p. 10), citado por Marcello de Ipanema, *A Tipografia na Bahia: documentos sobre as origens e o empresário Silva Serva*, 2ª ed., Salvador, Edufba, 2010.
- 11 Ipanema, *A Tipografia na Bahia*.
- 12 Ipanema, *A Tipografia na Bahia*.
- 13 Alfredo de Carvalho, João Nepomuceno Torres. *Anais da imprensa da Bahia*. 2ª ed., Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.
- 14 Vivaldo da Costa Lima, *Revista da Bahia*, n. 15 (1989/90), pp. 17-18.
- 15 Cadena, “O Alabama como fonte de pesquisa social”.
- 16 Antônio Luiz Ferreira Tinôco, *Código Criminal do Império do Brasil (anotado)*, Senado Federal, 2003 (fac-símile).
- 17 Tinôco, *Código Criminal do Império do Brasil*.
- 18 Cadena, “O Alabama como fonte de pesquisa social”.
- 19 Da coleção do IGHB. Em números avulsos de anos posteriores que estão na hemeroteca da Biblioteca Nacional, o navio volta a aparecer esporadicamente.
- 20 Cadena, “O Alabama como fonte de pesquisa social”.

- 21 Isso de uma lista de tipografias que imprimiam trabalhos acadêmicos na Bahia, preparada por Alexandre Passos e publicada em *Um século de Imprensa Universitária*, e citado por Antônio Loureiro de Souza, “Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia”, in: Luís Guilherme Pontes Tavares (org.), *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia*, Editora Cipriano Barata, 2008.
- 22 Espalhe aqui e ali.
- 23 Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes, *Joaquim Pereira Marinho: perfil de um contrabandista de escravos na Bahia - 1828-1887*, no prelo.
- 24 Lyrio Ximenes, *Joaquim Pereira Marinho*.
- 25 Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa*.
- 26 Leonardo Mendes, “Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX”, *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 53, janeiro de 2017. p. 173-191.
- 27 Cândido Figueirêdo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, 1899.
- 28 Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [on line]. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-04-18 16:04:13]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabeça de carneiro](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cabeça_de_carneiro).
- 29 João José Reis, *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, Companhia das Letras, 1991.
- 30 Jocélio Teles dos Santos, “Festa e Lavagem do Nosso Senhor do Bonfim em anos oitocentistas”, *Flor de Dendê*, janeiro de 2021. Disponível em <http://flordedende.com.br/especial-festa-e-lavagem-a0-nosso-senhor-do-bonfim-em-anos-oitocentistas/>. Agradeço a Cleidiana Ramos a indicação deste artigo.

- 31 Olívia Biasin Dias, “Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes oitocentistas acerca da Bahia, sua diversidade racial e seu potencial para alcançar a civilização”, Tese de Doutorado, UFBA, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13362/1/PDF%20Final%20OI%C3%ADvia%20Biasin%20Dias.pdf>.
- 32 Carregadores de cadeira de arruar.
- 33 As bandas de barbeiros são citadas em inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a Bahia do século XIX, e também em trabalhos sobre música, ver, por exemplo, Daniel Daumas, “Descolonizando a banda de música: epistemologia, tradição e práxis sonora”, *Debates*, UNIRIO, n. 19, p. 20-37, nov., 2017.
- 34 Mestre Marcos aparece numa notícia do dia 4 de janeiro de 1868 numa procissão da “gente de tia Júlia”. Sobre esta notícia escreveu Lisa Castillo: “Aquela procissão da “gente de tia Júlia” foi caracterizada pelo Alabama como “pagode” – então sinônimo de templo pagão – e ainda como “candomblé”, mas a matéria não menciona elementos sugestivos de atividade ritual. Fala-se apenas de percussão, bebida e, em certo ponto, arruaça, durante a qual o mestre da banda, um barbeiro chamado Marcos, levou uma pedrada. Outra personagem frequente nas páginas do Alabama, Marcos é sempre citado em relação às festas católicas, especialmente a do Bonfim. Tudo indica tratar-se de Marcos José da Silva, crioulo e dono de uma tenda de barbeiro atrás da Igreja da Sé”. Lisa Castillo, “O Terreiro do Gantois: redes sociais e etnografia histórica no século XIX”, *Revista de História*, n. 176, 2017, disponível em <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2017.118842>.

- 35 Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um sargento de milícias*. 25ª ed., São Paulo: Ática, 1996. Agradeço a Franklim Carvalho essa indicação.
- 36 Hildegardes Vianna, *A Proclamação da República na Bahia (Aspectos folclóricos)*, Centro de Estudos Bahianos.
- 37 Machado de Assis, “O nascimento da crônica”, in: *Obra completa*, vol. 4, Editora Nova Aguilar, 2008.
- 38 Antônio Cândido, “A vida ao rés-do-chão”, in: *Para gostar de ler – crônicas*, vol. 5, Editora Ática, 2003.
- 39 Dad Squarisi, “A redondilha cola na memória”, *Correio Brasiliense*, 31 de março de 2011. [https://blogs.correiobrasiliense.com.br/dad/a\\_redondilha\\_colar\\_na\\_memoria](https://blogs.correiobrasiliense.com.br/dad/a_redondilha_colar_na_memoria).
- 40 Recenseamento do Brasil em 1872, Bahia, <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>.
- 41 Cf. nota 13.
- 42 Flávia Silvestre Oliveira e Maria da Conceição Carvalho, “Práticas leitoras em Minas Gerais, século XIX: bibliotecas públicas e leitura de jornais”, *Inf. Inf.*, Londrina, v. 21, n. 1, p. 426-447, jan./abr. 2016. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/informacao/>
- 43 Marta Abreu, “Apatia, ignorância e desinteresse: uma história da leitura no Brasil?” *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 2, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2006. Agradeço a João Reis a indicação do artigo de Marta Abreu.
- 44 Moema Parente Augel, *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo: Cultrix, 1980, chama atenção: “As narrativas e testemunho

dos viajantes, sofrendo o natural crivo do etnocentrismo, da deformação advinda da distância cultural, do choque inevitável de valores, representam uma fonte de conhecimento da realidade de uma época, realidade que foi captada e reproduzida por observadores fortuitos, de passagem, mesmo que essa passagem se tenha prolongado, mas observadores alheios a ela. E são essas informações, luzes filtradas e de novo refletidas da realidade, mas sem serem dela detentoras, que servem de larga base para os nacionais para a interpretação e conhecimento da sociedade de seu próprio país”.

- 45 Abreu, “Apatia, ignorância e desinteresse: uma história da leitura no Brasil?”.
- 46 Oliveira e Carvalho, “Práticas leitoras em Minas Gerais, século XIX: bibliotecas públicas e leitura de jornais”.
- 47 *O Carapuceiro* foi um periódico que circulou no Recife entre 7 de abril de 1832 e 28 de setembro de 1847, e era escrito pelo frei Miguel do Sacramento Lopes Gama.
- 48 Maria Lúcia Garcia Pallares Burke, “A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX”, *Cad. Pesq.*, Faculdade de Educação – USP, n. 104, julho de 1998.
- 49 *Relatos do mundo (News of The World)*, direção de Paul Greengrass, roteiro de Paul Greengrass e Luke Davies, com Tom Hanks, Helena Zengel, Elizabeth Marvel, 2020.
- 50 Abreu, “Apatia, ignorância e desinteresse: uma história da leitura no Brasil?”.

- 51 Abreu, “Apatia, ignorância e desinteresse: uma história da leitura no Brasil?”. Abreu chama atenção para que “associar a capacidade de decifrar sinais gráficos à leitura parece ser uma concepção recente”. O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Moraes, que nos serviu de apoio para a leitura dos poemas, é também onde Abreu encontra definições da época para o verbo “ler”. Ela utiliza a edição reformada e acrescentada por Moraes da obra composta pelo padre D. Rafael Bluteau, e publicada em Lisboa em 1789. A edição citada nesta apresentação é a nona, e está sem data, mas é certamente posterior a 1890, quando saiu a oitava edição. Nela, a definição do verbo permanece a mesma: pronunciar e entender e expor e explicar, todas remetendo à oralidade, e uma quinta, “entender somente alguma escritura”.

## GLOSSÁRIO

(Este glossário foi composto com base no *Diccionário da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva)

**Alfenim**, massa de açúcar muito branco e consistente.

**Alvitreira**, que dá, ou costuma dar alvitres; alvitre, conselho, projeto, ideia lembrada em algum negócio para seu conseqüimento.

**Borracheira**, embriaguez, bebedeira.

**Caçoada**, zombaria, escárnio, debique, troça.

**Cartapácio**, livro de mão de várias matérias.

**Coixa**, coxa.

**Embigada** (umbigada), embate que se dá uma pessoa em outra, tocando umbigo com umbigo, como se pratica na dança do fandango, lundú etc.

**Enguindada**, enguienação, forte tentação, desejo (Houaiss)

**Esplendido**, particípio passado de esplender, resplandecido.

**Estampilha**, pequena estampa, selo.

**Farrancho**, rancho que se dirige a uma romaria; grupo de pessoas que se dirige a uma festa.

**Funçonata**, divertimento; pândega; folia.

**Gamenha**, pessoa galante que se atavia para namorar.

**Giba**, corcunda.

**Guariba**, espécie de mono da América.

**Jarreta**, pessoa que se veste mal, a gosto antigo.

**Melúrias**, queixa, lamentação astuciosa.

**Parolas**, lábia, palavrório, palavreado, treta.

**Patusco**, que gosta de patuscada; patuscada, função à pressa, mal dirigida, mal aparelhada, feita sem cerimônia nem etiqueta.

**Pitança**, ração diária ou ordinária.

**Plutões**, Plutão, rei dos infernos.

**Precatado**, acautelado, prevenido.

**Quindim**, requebro, meneio, gesto gracioso e petulante.

**Sarandagem**, sarandear, saracotear, menear o corpo na dança.

**Tropilha**, cavalos do mesmo pelo, quadrilha.

**Vasa**, deixar de participar de algum cômodo, jogo de cartas.

**Vendilhão**, pessoa que anda vendendo pelas portas ou em pequenas tendas.



## **AGRADECIMENTOS**

À deputada Jandira Fegalli pela iniciativa da Lei Aldir Blanc; a meus companheiros nesta pesquisa Lia Silveira e Henrique Lyra, a meu amigo Zeo Antonelli que finalizou este livrinho, a João Reis, Franklim Carvalho, Daniela Moreau, Armando Almeida e Jussara Silveira, que leram e comentaram e fizeram sugestões.

@2021by Mariângela de Mattos Nogueira

Pesquisa: Lia Silveira e Henrique Lyra

Revisão: Lia Silveira

Capa e projeto gráfico: Zeo Antonelli

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Vanessa Santos. CRB -5/1752.

---

L426

La vai verso: a Lavagem do Bonfim n'O Alabama (1863-1871) /  
Organizado por Mariângela de Mattos Nogueira. – Salvador : Prelo de  
Madeira, 2021.

96 p.: il.

ISBN 978-65-992700-1-7

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Nogueira, Mariângela de Mattos.

CDD: 869.91

---

Todos os direitos desta edição reservados a 2 Designers Ltda.

2designers.bahia@gmail.com



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
DO ESTADO  
DA BAHIA



GOVERNO  
DO ESTADO

SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO





